

CRISTO, OUTORGADOR DA LEI

(V. 16). Como se pode responder a isto? — P. O.

A narrativa do livro de Êxodo simplesmente declara que "Deus falou estas palavras" da lei no Sinai, sem revelar a qual membro da divindade se refere. Êxo. 20:1.

Contudo, ao compararmos o relato de Neemias 9:7-15 com o do apóstolo Paulo, sobre os mesmos acontecimentos (I Cor. 10:1-4), surge à mente uma revelação. Neemias nos diz que o condutor de Israel, do Egito para Canaã era o Senhor que também lhes deu "juízos retos, leis verdadeiras, estatutos e mandamentos bons", no Sinai. E Paulo relata os mesmos acontecimentos, afirmando que "aquela Pedra espiritual que os seguia" (aos israelitas) "na nuvem e no mar" ERA CRISTO. Portanto, de uma simples comparação dos três relatos (de Moisés, de Neemias e do apóstolo S. Paulo) chega-se à conclusão de que foi Cristo quem fez a entrega da lei, no Sinai.

Para reforçar o raciocínio, Aquele que deu os Dez Mandamentos foi o Criador, "porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra". Êxo. 20:11. Mas foi através de Cristo que Deus fez o Universo, ou os mundos (Heb. 1:2). O Único por quem todas as coisas foram feitas era o Filho de Deus que Se tornou homem. S. João 1:1-3, 14.

A PARÁBOLA DO RICO E LÁZARO

A parábola do Rico e Lázaro prova a imortalidade da alma? Como entender este assunto, que me deixa perplexo? Parece que Lucas 16:19-31 entra em choque com outros trechos das Escrituras. — L. C. E.

Veza por outra, este assunto vem à baila. E nunca é demais comentá-lo, visto que o entendimento correto do mesmo é de grande auxílio quando se estuda o estado do homem na morte.

A parábola do Rico e Lázaro foi apresentada por Cristo, a fim de mostrar que o destino do homem é decidido na vida presente, mediante o uso dos privilégios e oportunidades que Deus lhe concede.

O comentário adventista em inglês afirma que "a parábola consiste em duas cenas, uma representando esta vida (versos 19-22), e a outra, a vida futura (23-31)".

Deixemos, porém, que Francis D. Nichol apresente sua clara exposição que, por certo, também convencerá o consultante:

"Esta história nada diz sobre almas

imortais partindo do corpo dos mortos. Ao contrário, o rico após a morte tinha 'olhos' e 'língua', isto é, partes muito reais do corpo. Ele pedira que Lázaro 'molhasse na água a ponta de seu dedo'. Se a narrativa deve ser tomada literalmente, então os bons e os maus, após a morte, não se transformam em espíritos inatingíveis, mas vão para os lugares de sua recompensa como seres reais, na posse de seus membros. No entanto, como poderiam eles ir para lá em corpo, uma vez que este havia sido inumado na sepultura?

"Ainda, se isto é um relato literal, então o Céu e o inferno se encontram bastante próximos para permitir uma conversação entre os habitantes de ambos os lugares — situação um tanto indesejável, pelo menos. Se os que crêem na imortalidade inerente pretendem que esse seja um quadro literal da geografia do Céu e do inferno, devem então aceitar também literalmente o texto referente às 'almas debaixo do altar' clamando por vingança contra seus perseguidores. (Veja-se Apoc. 6:9-11). Se os justos podem ver os ímpios em tortura, que necessidade têm de clamar por vingança?"

"Quando o rico pediu que a Lázaro se mandasse voltar à Terra a fim de avisar a outros quanto ao inferno, Abraão respondeu: 'Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos'. E: 'Se não ouvem a Moisés e os profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite' (versos 29 e 31). A narrativa, portanto, em parte nenhuma fala de espíritos desincorporados, nem que voltem para avisar os homens. Ao contrário, quando fala nessa volta, usa o termo 'ressuscitar'.

"A fim de evitar a crença de que os espíritos têm corpos e que o Céu e o inferno estão realmente bastante próximos para permitir uma observação, porventura deseja o argüente considerar agora essa narrativa uma mera parábola? Neste caso lembrá-lo-íamos de que os teólogos unanimemente concordam em que não se pode alicerçar doutrinas sobre parábolas ou alegorias. Uma parábola, como outras ilustrações, é geralmente usada para tornar claro um determinado assunto. Procurar formar doutrinas de qualquer porção da narrativa resultaria em absurdo, ou mesmo perfeita contradição. É fora de dúvida que procurar na ilustração a prova para uma crença que seja o extremo oposto da que defende o próprio autor da ilustração, seria violar os mais rudimentares princípios que regem o assunto. Nós afirmamos que o argüente, ao usar esta parábola para provar que os homens recebem sua recompensa ao morrer, coloca Cristo em situação de contradizer-Se a Si próprio.

"Em outra parte Cristo declara explicitamente qual o tempo em que os justos receberão sua recompensa e os ímpios

serão lançados no fogo consumidor: 'E quando o Filho do homem vier em Sua glória. . . todas as nações serão reunidas diante d'Ele; . . . então dirá o Rei aos que estiverem a Sua direita: Vinde, benditos de Meu Pai, possuí por herança o reino. . . Então dirá também aos que estiverem à Sua esquerda: Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno'. Mat. 25:31-41.

"Não há necessidade de que volte alguém para dar aviso sobre o destino depois da morte, porque os vivos 'têm Moisés e os profetas; ouçam-nos'. Nós, os vivos, somos portanto justificados em compreender a parábola em harmonia com o que os profetas têm dito. Malaquias, por exemplo, declara que 'aquele dia vem' (é um acontecimento futuro) em que os ímpios sofrerão os tormentos do fogo abrasador. (Veja-se Mal. 4:1-3). Os escritores do Velho Testamento são muito explícitos em afirmar que os mortos, justos ou ímpios, descansam em silêncio e inconsciência na sepultura até o dia da ressurreição. (Vejam-se Jó 14:12-15, 20 e 21; 17:13; 19:25-27; Ecles. 9:3-6 e 10).

"Portanto, se o argüente passa a declarar ser a história uma parábola ou alegoria, isso não vem mais em seu auxílio do que se tomasse como sendo literal, a não ser que queira manter a pretensão insustentável de que uma determinada porção de um relato figurado deva ser tomada literalmente, embora represente isso uma contradição direta às afirmações literais de 'Moisés e os profetas' e Cristo (em S. Mateus 25).

"Nós cremos que a história é uma parábola, tendo sido este o método usualmente empregado por Cristo nos Seus ensinamentos, muito embora aqui, como em vários outros exemplos, Ele não afirme isso especificamente. Por isso procuramos justamente saber qual a lição que Cristo pretendia ensinar, e não tentamos fazer com que a parábola prove qualquer coisa além disso. Evidentemente, Cristo estava desejoso de repreender os fariseus, 'que eram avarentos'. S. Luc. 16:14. Eles, em verdade, bem como muitos dos judeus, mantinham a crença de que as riquezas eram um sinal do favor de Deus, e a pobreza um indício de Seu desagrado. Cristo ministrou-lhes a importante lição de que a recompensa que aguarda os ricos avarentos — os quais nada mais reservam para os pobres do que migalhas de pão — é justamente o oposto ao que os judeus acreditavam.

"Isto é o que a parábola pretende ensinar. Seria tão incoerente pretendermos que Cristo ensinasse por ela que os justos fossem literalmente para o 'seio de Abraão', e que o Céu e o inferno estivessem a uma distância ao alcance da voz, como deduzirmos que Ele ensinasse ser a recompensa concedida imediata-